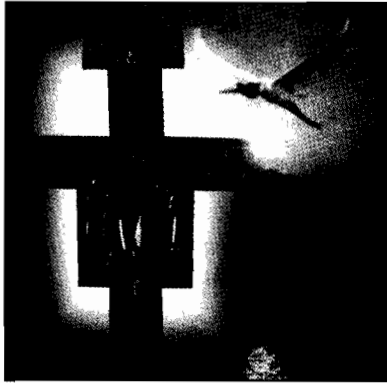


A MORADA DE DEUS



Alegrei-me quando me disseram: «Vamos à casa do Senhor» (cf. Salmo 122). Será que o cristão, ao pronunciar estas palavras conhecerá, ao certo, a morada do Deus do Amor? Mas afinal, onde fica a morada de Deus?

Numa visão fulminante, esta procura não teria qualquer sentido, sabendo-se de antemão, que essa aprazível morada se pode equivaler a qualquer Igreja de um lugar qualquer, acompanhada pela celebração de antigos rituais católicos, onde para muitos, não passam de gestos mágicos consoladores!

Mas cuidado! A verdadeira relação com o Deus do Amor e a sua respectiva morada (habitacional), não se resume à realização de velhas tradições, em templos mais ou menos antigos. Quando assim é, o tempo apaga esses gestos que de si nascem já mortos...

A beleza da Fé contém algo mais... É difícil tentar explicar esta relação com o Deus do Amor! O mesmo acontece na relação que cada um de nós possui com um(a) Amigo(a) ou, até quando se está enamorado por alguém. É algo surpreendentemente bom e que não conseguimos compreender a sua origem. Também com o Senhor da Páscoa e da Vida Nova, esta relação surge dentro do nosso coração sem que possamos identificar o motivo do seu surgimento. Tudo mais ocorre com naturalidade... a simples e verdadeira naturalidade do Amor.

Ao observarmos a origem da nossa Fé, não encontraremos um certo conjunto de dogmas, preceitos ou ideias humanistas. Falamos sim, de um encontro com a pessoa viva do Ressuscitado e a Sua história de Amor, abrindo-se assim, um novo horizonte à Vida, imprimindo do mesmo modo, um rumo decisivo (cf. António Marto, Bispo).

Esta relação com Deus é um autêntico e belo «jogo de amor». Deus, o meu

‘Amante’, como às vezes costumo dizer apanhado pelo entusiasmo celebra comigo a sua aliança para sempre. E eu, rendido e feliz, deixo-me capturar para uma aventura que, ternamente, ‘enfeitiça’ o meu coração (cf. Franco Ghezzi, OFMConv.). Seduziste-me Senhor e eu deixei-me seduzir; numa luta desigual dominaste-me e, foi Tua a vitória... (cf. Jeremias 20, 7)

Ou nos enamoramos por Jesus Cristo ou não temos grande interesse como cristãos! E isto, porque o Senhor não está ausente: incessantemente vem ao nosso encontro, através da sua Palavra, nos Sacramentos, especialmente na Eucaristia. Na liturgia da Igreja, na sua oração, na comunidade viva dos crentes, experimentamos o amor de Deus, sentimos a sua presença e também, deste modo, aprendemos a reconhecê-la na nossa vida quotidiana. (cf. Bento XVI)

Em suma, *ubi Caritas et Amor, Deus tibi est. Onde há Caridade e Amor, aí habita Deus.* Podemos concluir que é no nosso coração que este Deus do Amor habita e permanece, vive e age, mesmo quando cada um de nós O renuncia... Não é difícil encontrar a morada de Deus. Repito: Ele habita em cada um de nós, dentro do nosso coração!

O coração é o que há de mais austicioso e incompreensível. Quem o pode conhecer? Eu, o Senhor, penetro os corações e sondo os sentimentos de todos os homens, a fim de recompensar cada um pela sua conduta conforme os frutos das suas acções. (cf. Jeremias 17, 9-10)

Como é belo sentirmo-nos amados! Como é belo saber que este Deus me ama tal como eu sou, sem me pedir nada em troca! Como é belo sentir esta presença dentro de mim, sabendo que também posso contemplar a beleza do Seu rosto em cada um dos meus irmãos (no Senhor)! Como é belo saber que pertencemos a esta família de comunhão, assente na presença de Cristo, o Filho de Deus vivo...

«Este é o meu Filho muito amado. Escutai-o» (cf. Mc. 9, 7). Aqui centra-se o grande desafio do cristão. ESCUTAR! Escutar o que diz o Senhor, o que Ele quer de mim. Descobrir nessa escuta o caminho que devo trilhar nesta sociedade, consumida pelo dinheiro, o poder, a mesquinhez e, por todo o tipo de maus vícios que podemos conhecer e imaginar... Reconhecer nessa escuta, a minha vocação no encontro com os outros pois a vocação, não é um “acrescento” ao ser

e ao como ser pessoa. Não é correcto dizer que se “encontra” a vocação ou que se “tem” vocação... A vocação realiza-se, vivendo-se o jeito de ser e a natureza social do ser... Vive-se num permanente diálogo, com Deus, com os outros e a partir de si mesmo, independentemente da concepção crente ou mesmo cristã da vida, enquanto entendida num projecto de criação... Vive-se num diálogo que é, em primeiro lugar, interior e na própria pessoa que, em si mesma, é chamada a ultrapassar, cada momento, as tentações do não viver, do não viver assim, do não viver tanto, do não viver com... (cf. Ilídio Leandro, Bispo) E eis que se torna urgente redescobrir Cristo, bem como, a sua morada nas nossas vidas!

Aliás, hoje torna-se necessário despertar e reavivar no coração dos crentes a experiência da Beleza do mistério de Deus conosco: aquela experiência de Isaías, do homem tocado por Deus no mais íntimo do seu ser, envolvido pela Sua santidade como numa nuvem luminosa, purificado e transformado pelo Seu amor como fogo ardente; aquela experiência de S. Paulo, cativado por Cristo, que o leva a exclaimar “o amor de Cristo possui-nos, abraça-nos, impele-nos”. Uma experiência que resulta da contemplação de Cristo como Aquele que, em carne e sangue, trouxe a beleza de Deus à terra dos homens, a beleza suprema do amor misericordioso de Deus e a beleza do homem criado à imagem de Deus, renovado pela graça e destinado à plenitude da vida eterna. O mais grave que pode acontecer a um homem é ter medo de Deus, pensar que Ele é seu inimigo ou o limite da sua liberdade e da sua alegria de viver, quando na realidade é a sua fonte e o seu fundamento perenes. (cf. António Marto, Bispo)

«Levantai-vos e não tenhais medo!» (cf. Mt. 17, 7). O amor de Deus não nos onera de pesos que não possamos carregar, nem nos faz exigências que não seja possível enfrentar. Ao mesmo tempo que pede, Ele oferece a ajuda necessária. «Levantai-vos! Vamos!». Vamos confiados em Cristo. Será Ele que nos acompanhará no caminho, até à meta que só Ele conhece. (cf. João Paulo II) Pois esta é a nossa Fé. Esta é a Fé da Igreja. E é nesta Fé, que encontraremos e contemplaremos a morada do Deus do Amor. Hoje e sempre, pelos séculos sem fim...

Pedro Miguel – Prof. História e E.M.R.C.
p-miguel@portugalmail.com